

Narrativas de si e suas implicações à arte da vida dos jovens negros da escola pública

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes¹

Introdução

A complexidade e paradigmas no contexto escolar envolvendo racismo, discriminação, adoecimentos emocionais e psíquicos se movimentam no caminho que corrobora a ruptura e conflitos no que tange à formação da identidade racial e da subjetividade dos estudantes em situação de vulnerabilidade social (Gomes, 2003; Fanon, 1980; Navasconi, 2019; Pinheiro, 2022). Fomentar e criar condições educativas favoráveis que envolvam um trabalho dialético e sistemático entre educação e saúde torna-se uma tarefa desafiadora e necessária, diante do crescimento das taxas de suicídio e das formas de adoecimento psicoemocionais presentes na vida dos jovens negros em situação de vulnerabilidade socioeconômica no Brasil. Para Pinheiro (2023), faz-se necessário desenvolver armas potentes que fomentem a prática de uma educação antirracista e intercultural, que culmine num processo de sistematização e potencialização na construção crítica e integral dos estudantes.

Em vista disso, re/criar novos dispositivos pedagógicos no contexto atual reverbera para ampliação do campo discursivo sobre os mecânicos estratégicos de luta contra as formas de adoecimentos e suicídio, no qual envolvem a vida dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica (Busso, 2001). Logo, vale ressaltar a importância dos profissionais em educação dialogarem sobre o lugar da escola em re/criar condições de enfrentamento ao longo do processo ensino aprendizagem, viabilizando apoios e amparos ao estudante, em face às dores psicossocial, emocional e outros sofrimentos correlatos (Pinheiro, 2022; Bertolote, 2012). Desse modo, o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos integrados entre o campo de saúde e educação tem o papel fundamental na promoção significativa dos diálogos entre comunidade escolar imbricada no modelo de educação que alcance a formação integral dos estudantes como, também, à construção da identidade e da subjetividade desses jovens.

¹ Formada em Psicologia-UNEB, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB)”, membro do Grupo de Pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores/as (Iraci Gama), sob a orientação da Profa Dra Maria Anória de Jesus Oliveira. Endereço eletrônico - rosilda43nunes@gmail.com.

Pensar a educação nesse panorama integral, no qual envolve a saúde mental, física, psíquica, psicossocial, cognitiva, dentre outras, pode ser uma das trilhas de reexistência² a favor da vida em sua amplitude, como, por exemplo, a pedagogia terapêutica³, cujo conceito é complexo é compreendida, aqui, como “atitude terapêutica com base numa metodologia de intervenção multimodal, centrada na criança e na família, em articulação com as estruturas comunitárias” (Morato & Santos, 2021, p. 2). Nessa perspectiva, este estudo objetiva compreender o papel das narrativas de si como elemento estratégico para o fortalecimento da vida socioemocional e psíquica dos jovens negros do ensino médio em duas escolas públicas de São Sebastião do Passé-Ba. A metodologia segue fundamentada no método qualitativo incorporado ao estudo de caso e entrevista semiestruturada, conforme (Ludke, Marli E. D. A. André, 1986).

Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o papel da pedagogia terapêutica no cenário da educação na atualidade, já que é comum no cotidiano da escola pública encontrar estudantes que apresentam problemas socioemocionais, dentre outros. O uso dessa ferramenta contribui para fomentar renovações nas práticas educativas sustentadas em um modelo de educação integrada à dialética entre saúde e educação (Bressan, 2008; Silva, 2008). É relevante assinalar que a educação antirracista e intercultural são mecanismos significativos como meio de educar para a diversidade, para resoluções de problemas, conflitos e outros fatores que desencadeiam dores e sofrimentos à estrutura de formação do aluno. Por outro lado, ampliar reflexões sobre o racismo, a vulnerabilidade sociais e as questões psicoemocionais elencadas nas narrativas de si (Josso, 2004, Predeira, 2015) favorece o leque de fontes teóricas/epistêmicas acerca do assunto em tela.

Ademais, renovar as práticas pedagógicas na contemporaneidade é fazer uso da própria observância cotidiana do fazer pedagógico do professor em sala de aula, mas também em outros espaços da escola, numa configuração dialética, a qual produza diálogos coletivos entre os envolvidos que abarquem a autoavaliação dessas ações adotadas, e, assim, promova novas práticas de formar à vida dos discentes em seus diferentes contextos sociais. Nesse panorama, as narrativas de si, a escuta sensível e o olhar afetivo se configuram no rol de alternativas de atividades que, a princípio, consideramos importantes para o desenvolvimento

² Se pensarmos tal noção (letramento de reexistência), sob o viés da Linguística Aplicada, a partir das reflexões de Ana Lúcia S. Silva (2011).

³ Trata-se de uma perspectiva europeia, pautada nas contribuições de Jean Piaget, Edouard Clapàrede, Ovide Decroly e Maria Montessori, segundo Morato e Santos (2021, p. 2).

à saúde mental dos estudantes, além de contribuir para o fortalecimento da identidade e da subjetividade dos discentes.

Escola: Suicídio e adoecimento

A compreensão do conceito de suicídio dentro do panorama histórico e filosófico traduz elementos complexos e diversos relacionados por distintos ramos da ciência, como religião, sociologia, psicologia, biologia e filosofia (Pinheiro, 2022). O suicídio é um fenômeno social presente ao longo da história da humanidade, associado a uma série de fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos (MS-OSAJN, 2018; OMS, 2020). Portanto, o fato de se desejar cometer suicídio assinala o impacto de problemas complexos e incompreensíveis que geram dores, angústia e sofrimentos intensos, culminando com a ideação da morte em detrimento da vida.

Compreender a formação e a prevenção desse fenômeno numa conjuntura sistemática possibilita a re/construção de novas estratégias de enfrentamento nos espaços sociais. O suicídio é um problema de saúde pública. Segundo a OMS (2013), o aumento da taxa de suicídio entre os jovens, nas últimas décadas, leva a pensar como os fatores psicológicos, biológicos, socioeconômicos, genéticos, culturais interferem no crescimento dessa taxa. Para Pinheiro (2022), alguns fatores impulsionam o comportamento autodestrutivo na pessoa em estado de sofrimento elevado como:

Conflito na família, menosprezo, bullying, cyberbullying, relação com o próprio corpo, autoestima, sexualidade, presença de quadros depressivos, falta de apoio, cobrança e autocobrança, sensação de solidão, angústia, vazio, desesperança, desamparo, desespero, falta de sentido de vida, manejo das emoções, dificuldade na resolução de problemas, conflitos e tensões, dentre outros (Pinheiro, 2022, p. 17).

Os fatores supracitados evidenciam a necessidade de re/pensar e produzir caminhos sustentados em fundamentação teórica e epistemológica pautados em estudos científicos entre escola e saúde, numa perspectiva da formação integral do estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Logo, que também promova e amplie o campo de discussão crítica sobre os dispositivos que atendam ao campo da diversidade cultural, histórica e cotidiana dos estudantes afetados pelo adoecimento psíquico social. Sendo assim, é necessário desenvolver instrumentos educacionais que se desloquem de certas epistemologias eurocêntricas formada no século XVI, consolidada no século XIX (Santos, 2006), que não dão conta do contexto atual.

Para produzir mecanismo de cuidado para com a saúde psicológica e emocional do estudante é necessário contar com profissionais habilitados à inclusão social, recorrendo-se aos mecanismos estratégicos que podem contribuir para a queda da taxa de morte por suicídio dos alunos negros da escola pública (Branco, 2007; Nunes, 2021). Nessa perspectiva, observa-se a urgência de elaborar políticas públicas e ações colaborativas voltadas para a saúde mental e à atenção especial aos discentes que são os mais afetados pela necropolítica (Mbembe, 2016). Trata-se, assim, de pensarmos as dimensões pedagógicas discutidas e aplicadas na escola pública como eixo de promoção à vida, caminho de emancipação dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

É importante que os agentes envolvidos no processo de formação integral dos estudantes se movimentem por vias que reverberem a elaboração de ações críticas, ancoradas num modelo de educação antirracista e inclusiva, ou seja, a favor da vida. Os estudos de Fukumitsu (2019, p.1) abordam que “a prevenção ao suicídio representa uma maneira de resgatar as potencialidades existenciais, bem como de identificar as possibilidades que a pessoa pode exercitar no enfrentamento das adversidades que a vida lhe impõe”.

As discussões aqui expostas assinalam a complexidade de problemas que atravessam a comunidade escolar e interferem na formação integral do estudante no contexto atual. Em vista disso, é relevante ampliar dispositivos criados no campo da prática em sala de aula sustentado na pedagogia terapêutica, no cenário da educação inclusiva e participativa para além da esfera cognitiva e formal. Ou seja, uma educação que amplie os horizontes da construção do respeito, amor, afetividade, socialização, autoestima, autoconfiança, mas também potencialize as habilidades e as competências diversas dos estudantes. Cabe, portanto, discutir sobre a metamorfose da pedagogia terapêutica como arma de combate ao modelo de educação que ainda tenta sustentar práticas pedagógicas que des/configuram a identidade e a subjetividade dos estudantes em situação vulnerável no século XXI.

Metamorfose: Práticas pedagógicas terapêuticas na educação

Os desafios vividos por jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica no cenário atual nos leva a entender a urgência de desenvolver trabalhos e atividades pedagógicas fundamentadas em práticas que produzam impactos positivos nas esferas cognitivas, psicossociais, emocionais, psíquicas e afetivas na vida acadêmica dos discentes

(Morato & Santos, 2021; Branco, 2007). Sendo assim, pensar a educação em movimento ou a pedagogia terapêutica aplicada à diversidade numa perspectiva de exploração, experimentação de co/criação através das conexões múltiplas de saberes é uma das ações que reverberam para a lógica dos sentidos segundo (Deleuze & Felix, 1992). Logo, os profissionais em educação precisam elaborar novas experimentações em sua prática que conduzam à promoção e a ampliação da consciência corporal e da imagem dos estudantes no próprio movimento cotidiano do fazer pedagógico em sala de aula.

Observar o dia a dia da implicação e aplicação da pedagogia terapêutica na educação favorece para o processo de autodescoberta, sentido existencial, consciência corporal entre outros como resultados para a educação e saúde mental (Branco, 2007), com o objetivo de contribuir à reconstrução sistemática da identidade e subjetividade dos discentes. O professor observador da sua própria prática pedagógica e que dialoga com seus pares sobre o fazer pedagógico, tem a possibilidade de desenvolver caminho de renovação da pedagogia crítica e criativa, em consonância com a arte da vida. Nessa configuração, Matuoka relata qual o papel da escola nesse caminho de reconhecimento.

O que a escola pode fazer é dar informações e oferecer uma educação integral que ajude crianças e adolescentes a identificar seus estados emocionais, expressá-los de formas construtivas, e a saber procurar e pedir ajuda. Assim, estes jovens terão condições de trabalhar suas emoções desde cedo e, se for o caso, identificar o quanto antes um estado depressivo e as ideias suicidas e saberão agir sobre isso de maneira saudável (Matuoka, 2017).

Alimentar o olhar repleto de amor, sensibilidade, doçura, compaixão, acolhimento e dedicação são ferramentas terapêuticas significativas que proporciona alívio às dores emocionais dos estudantes (Hooks, 2013). Nessa configuração, as narrativas de si, a escuta sensível podem ser estratégias dinâmicas e terapêuticas em sala de aula, já que falar de si e escrever de forma contextualizada a respeito dos problemas que atravessam a vida dos jovens torna-se uma ação que fomenta a arte da vida, sentimento e sentido existencial.

A narrativa de si sendo utilizada como mecanismo de desenvolvimento de atividades, por exemplo, contação de história, roda de conversa em que a pessoa vivencia é um processo de aprendizagem plural, inclusiva de acolhimento. A reconstrução e reescrita de sua história de vida no panorama de reexistência são dispositivos que oferecem novos sentidos e sentimentos à pessoa em processo de sofrimento e adoecimento. Assim, a importância de criar práticas educativas antirracista na escola, como dispositivo produtor de saúde mental, que

pode reverberar no caminho de construção de reexistência, Souza (2011), diante do modelo de educação que conduza ao crescimento da emancipação do sujeito crítico.

É importante pensar o contexto escolar numa configuração que atenda as múltiplas esferas da existência humana, e que possa atingir as dimensões corpórea, material e intelectual. O desenvolvimento dessas ações de enfrentamentos irá contribuir para a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes no que se refere aos aspectos educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Desse modo, a aplicação dessas atividades estratégicas possibilita o trabalho articulado entre educação e saúde.

Resultados

Ressaltar a relevância de a escola promover discussão e reflexão sobre diversidade cultural, ampliar debates sobre discriminação racial, desigualdade social e preconceito é um movimento de democratização, mas também de emancipação dos espaços educacionais (Gomes, 2008). Construir um olhar sensível, frente à diversidade étnico-racial, gênero, sexualidade, religião que atravessam a formação da vida dos alunos numa dimensão educação e saúde corrobora para a formação antirracista (Pinheiro, 2023). Assim, discutir as implicações dessas temáticas numa dimensão e concepção familiar, social e escolar, perpassando por caminho individual e coletivo é fundamental para a gestão, coordenação e professores refletirem sobre os paradigmas epistemológicos que sustentam o currículo em sua base científica e teórica no processo educacional contemporâneo.

Fukumitsu (2013, p. 58) aborda os fatores que agravam o aumento da taxa de suicídio entre jovens e o papel da escola em dialogar sobre esse problema como meio de construir mecanismos de prevenção, no entanto. Para Fukumitsu, a “prevenção não significa previsão”. Desenvolver trabalhos pedagógicos em sala de aula que visem a prevenção ao suicídio e o combate às formas de adoecimento é um dos caminhos que envolve a narrativa de si. Por seguinte, Fukumitsu (2019) aponta que:

Dessa maneira, prevenir não significa prever, tampouco evitar, mas sim, dentre inúmeras possibilidades, favorecer acolhimento ao sofrimento existencial por meio da *informação e da precaução*. “Pôr de sobreaviso” implica um trabalho psicoeducativo, uma das possibilidades preventivas a fim de instrumentalizar profissionais da saúde e familiares a encontrarem maneiras de cuidar da dor que atormenta o coração daquele que percebe a morte como algo mais interessante que a vida (Fukumitsu, 2019, p. 2).

Vale ressaltar a urgência do Estado em promover formação continuada como meio de formar os profissionais em educação no processo ensino aprendizagem ancorados em diretrizes que responda de forma significativa as demandas e os desafios na conjuntura social da educação brasileira como, também, responder e atender às particularidades culturais e educacionais das diferentes comunidades.

Diante do aumento de suicídio dos jovens negros, M.S (2018) e das diversas formas de “morte”, incorporar as narrativas de si, no cotidiano da sala de aula, possibilita fomentar, quebrar paradigmas relacionados às estruturas e às marcas do racismo epistêmico (Carneiro, 2005) na produção do saber. Assim, em diálogo a essa perspectiva, partimos da pedagogia terapêutica e suas contribuições na área da saúde para refletir, compreender e pautar possíveis trilhas para o campo da presente pesquisa.

Em outras palavras, a valorização da produção da escrita de textos plurais, trabalhos envolvendo a arte, a escuta de músicas relacionados com processo de resistência, diálogos sobre experiência de jovens que encontraram e produziram caminho de resiliência frente às dores e sofrimentos são elementos que estimulam arte à vida (Nunes, 2021). Ademais, a relevância de refletir e questionar criticamente os saberes e verdades impostas pelo poder hegemônico, incorporados nas bases do currículo didático que de forma simbólica produz manipulação, alienação e adoecimentos (Gomes, 2003; Pinheiro, 2023).

Considerações

Urge a necessidade de recriar condições favoráveis à prevenção ao suicídio ao investir em políticas públicas e na formação de educadores e educadoras na área em questão. Nessa direção, enfocamos uma das abordagens a ser aprofundada em nossos estudos, a fim de estabelecer possíveis diálogos com a pesquisa em curso. Trata-se, no caso, da pedagogia terapêutica em sala aula. A escrita de trabalhos envolvendo essa temática oportuniza vias geradoras de saúde mental dos alunos ao longo do processo ensino aprendizagem. Portanto, destacamos a importância da construção de trilhas pedagógicas de prevenção e reexistência contra as formas de adoecimento, suicídio e tentativa de suicídio no cotidiano escolar. Desse modo, é relevante para os profissionais da educação desenvolver armas pedagógicas potentes que corroborem para suprir as novas demandas desafiadoras na esfera da educação

contemporânea, na qual produza sentido, como também sentimentos existenciais na vida dos jovens negros em situação de vulnerabilidade social.

Por fim, torna-se provocador no cenário da educação atual, alimentar arte do fazer pedagógico cercado por uma dinâmica de trabalho e atividades vinculados ao protagonismo da arte à vida, como forma de ressignificar o processo de ensino e aprendizagem, numa configuração que atravesse a educação integral.

O desenvolvimento e uso da prática da pedagogia terapêutica relacionada às narrativas de si ainda é muito tímido em seu movimento do fazer pedagógico em sala de aula. Além disso, a aplicação dessa prática em sala de aula requer outras reflexões que supram as demandas desafiadoras no cenário das escolas, em se tratando das formas de adoecimento, suicídio e formação integral do estudante. Compreender as dimensões políticas, as demandas atuais e primar pela defesa da vida é urgente e necessário, o que nos faz percorrer outras lentes e ampliar as fontes teóricas/epistêmicas em foco.

REFERÊNCIA

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.

BERTOLETE, José. M. *Suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Unesp. 2012.

BRANCO, M. E. João dos Santos - Aliança entre saúde mental e educação: Um paradigma de conectividade centrado na criança (Tese de doutoramento). Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia (UM-IEP), Braga: (2007).

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico – Suicídio. Saber, agir e prevenir. v.48, n. 30. 2017.

BRESSAN, Aline. O que a escola tem a ver com a saúde? IN: BRASIL. Ministério da Educação (2008). Secretaria de Educação a Distância. Salto para o futuro. Saúde e Educação. Ano XVIII boletim 12, P.11-21. Ago 2008.

BUSSO, G. La vulnerabilidad social y las políticas sociales a inicios del siglo XXI: una aproximación a sus potencialidades y limitaciones para los países latino americanos. Santiago do Chile: CEPAL/CELADE, 2001.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 30 set. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Porto: Orgal, 1980. Editora EDUFBA

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. Psicologia USP, v. 25, n. 3, p. 270-275, 2014. Disponível e: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0270.pdf> Acesso em: 17 jul 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo, 2003. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes 2013.

JOSSO, C. As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas: entrevista com Marie-Christine Josso. Aprender ao longo da vida, n. 2, p. 16-23, 2004.

LÜDKE, M. A pesquisa qualitativa e o estudo da escola. Cadernos de Pesquisa, n. 49, p. 43-44, 1984.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATUOKA, I. Qual o papel das escolas na prevenção ao suicídio? Centro de Referências em Educação Integral, 26 set. 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/repostagens/qual-o-papel-das-escolas-na-prevencao-dosuicidio/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Temáticas. Arte & Ensaios. nº 32 revista do pgav/eba/ufrrj. Trad. Renata Santini. Dezembro de 2016.

MORATO, Pedro. SANTOS, J. dos. Notas sobre a pedagogia terapêutica do doutor João dos Santos. NO. 59, PP. 162-173 (2021). Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/25109> Acesso em: 11-10-2022.

M.S-Ministério da Saúde - Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016, Brasília DF. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 10/03/2019.

NAVACOSNI. Paulo Vitor Palma. Vida adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros LGBTTis. Belo Horizonte: Letramento, 2029.

NUNES, Rosilda Maria Q. Cruz. Juventudes negras em uma escola de São Sebastião do Passé/ba: as faces de um perigo, suicídio e as trilhas da reexistência 2021.Dissertação de Mestrado Pós crítica-UNEB.

OMS. Departamento de Saúde Mental. Transtornos Mentais e Comportamentais. Prevenção do suicídio: manual para professores e professores. 2000. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/66801/5/WHO_MNH_MBD_00.3_por.pdf. Acesso em: 2018.

PEDREIRA, Jailma dos Santos. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. *Revista Fórum de literatura Brasileira Contemporânea*. (online), UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ed 13, jun, 2015.

PINHEIRO. Wilzader Rosa e Silva. Comportamento suicida na escola e no contexto universitário. 2ed. São Paulo: ALL Print Editora. 2022.

PINHEIRO. Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Ed. Planeta Brasil. 2023.

SANTOS, B. S. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, (2ª edição) 2006.

SILVA, C. S. O Que a Escola Pode Fazer Para Promover a Saúde de Crianças, Adolescentes e Jovens? IN: BRASIL. Ministério da Educação (2008). Secretaria de Educação a Distância. Salto para o futuro. Saúde e Educação. Ano XVIII boletim 12, P.22-31. Agosto de 2008.

SOUZA, A. L.S. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. P.176.